

ESTE PEQUENO LIVRO DE VILA-MATAS E UM EXERCÍCIO INTELLECTUAL BRILHANTE E DIVERTIDO

SÉRGIO GRANADEIRO



★★★

XANANA – UMA BIOGRAFIA POLÍTICA

Sara Niner

Dom Quixote, 2011, trad. de Isabel Veríssimo, 348 págs., €21

Biografia

Dos últimos dias do Timor português até ao Quarto Governo Constitucional (2007-2008), é doravante possível rever reflexivamente as múltiplas fases da vida de Xanana Gusmão. Esta biografia política de Sara Niner — investigadora e professora na Monash University (Austrália), que faz consultoria em questões timorenses para a ONU e para o Governo de Timor-Leste desde 2000 — retrata o líder da luta pela autodeterminação, que chegou a primeiro Presidente de Timor-Leste, desde que era um anónimo apolítico que se tornou num duro comandante de guerrilha e viria a ser a principal figura unificadora do país. O estudo baseou-se numa pesquisa minuciosa e em extensas entrevistas que a autora conduziu em Timor-Leste, Austrália e Portugal entre 1997 e 2000. Niner correspondeu-se com Xanana entre 1997 e 1999 e conversou longamente com ele na prisão domiciliária de Salemba, em 1999. Como a autora refere na introdução, o livro centra-se nos 18 anos da sua liderança (1981 a 1999), para explicar em que medida os acontecimentos desse período afetaram o desenvolvimento das suas ideias, das suas políticas e das suas estratégias. Sara Niner destaca uma das principais capacidades do atual primeiro-ministro de Timor-Leste: a de "interagir de forma inteligente e relacionar-se com todos os lados". Segundo defende, esta capacidade "possibilitou uma concentração na resolução de conflitos e no estabelecimento de consensos", a "marca de um líder moderado", como descreve o psicólogo político australiano Graham Little". Além da personalidade carismática de Xanana Gusmão, esta biografia revê episódios e conceitos essenciais à história do colonialismo português.

Cristina Peres

A longa espera

Texto José Mário Silva

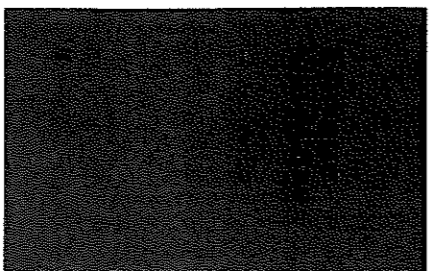
Em "Dublinesca", o seu último romance, Enrique Vila-Matas acompanha os impasses e cogitações de um editor da velha guarda (ou seja, daqueles que "ainda leem") nestes tempos de euforia com os suportes digitais, que a ele, Samuel Riba, só prenunciam o declínio definitivo da literatura e umas sombrias "exéquias da galáxia Gutenberg". Ironicamente, esse espantoso livro foi publicada em Portugal no início deste ano pela Teorema, poucas semanas depois de Carlos Veiga Ferreira se ter afastado de vez, e não sem amargura, daquele que foi o projeto editorial da sua vida — um pouco à semelhança do que acontece a Riba, com quem partilha não só o percurso profissional como uma certa mundividência. Mais irónico ainda é verificar que o regresso de Veiga Ferreira à edição, com a Teodolito (chancela da Afrontamento), se faz justamente com uma novela de Vila-Matas que é uma espécie de extensão ou "anexo" ensaístico de "Dublinesca". Coincidência ou justiça poética? Talvez ambas, muito ao jeito do que costuma acontecer nas obras do escritor catalão.

"Perder Teorias" começa com a chegada de um *alter ego* de Vila-Matas a Lyon, para participar num encontro internacional de literatura "sobre as relações entre a ficção e a realidade". O escritor, transportado por

um taxista português algo "burgeso", que só recebeu a carta de condução há três dias e a quem ele explica que "nós, a humanidade, não seríamos nada sem a linguagem", descobre, ao chegar ao hotel, que a organização se esqueceu de o receber. Incógnito e resignado ao papel de "alguém que espera", fecha-se no quarto e aproveita o tempo livre para esboçar uma teoria geral do romance no século XXI, assente em elementos "irreunciáveis" e "imprescindíveis", como a "intertextualidade" (escrita assim, entre aspas), as ligações com a

grande poesia, a prevalência do estilo sobre a trama (tendo como mote uma frase de John Banville: "O estilo avança dando passos largos triunfais, a trama caminha atrás, a arrastar os pés") ou a "consciência de uma paisagem moral nociva".

A principal referência para esta teorização é o romance "O Mar das Sirtes", em torno do qual o narrador se demora, vendo nele um precursor das tendências narrativas atuais, na medida em que o livro de Julien Gracq, embora publicado em 1951, soube "pressentir" e perceber o futuro. Trata-se de uma obra que "não se alimenta apenas dos materiais que a vida lhe proporciona, mas como que também cresce, misteriosamente, sobre outros livros". Uma característica, bem o sabemos, do próprio Vila-Matas, que não deixa aqui de "crescer" sobre textos e ideias de Kafka, Rimbaud, Charles Simic ou Ricardo Piglia. O tema central de "Perder Teorias" é a reflexão, nada exaustiva e razoavelmente desconfiada, sobre o "sentido da espera nessa longa espera que é a vida". Sempre à deriva, caótico, selvagem, divertido, Vila-Matas faz deste seu livrinho vermelho uma defesa da importância de construirmos teorias explicativas, nem que seja para abandonar-nos à primeira oportunidade, em troca da "grande liberdade do espírito vago, disponível para tudo menos para outra teoria". A



★★★★

PERDER TEORIAS

Enrique Vila-Matas

Teodolito, 2011, trad. de Jorge Fallorca, 87 págs., €12,23